

1 NÍVEL DE ATIVIDADE

O desempenho da atividade econômica no primeiro trimestre caracterizou-se por uma ligeira desaceleração em relação ao segundo semestre do ano passado. As atividades dependentes do mercado interno, como o consumo e o investimento, perderam um pouco do ritmo do último trimestre de 2002, enquanto os setores agroindustrial e os demais exportadores apresentaram maior dinamismo. A renda real das famílias em queda e os juros ainda elevados limitaram a expansão do consumo. O otimismo dos agentes econômicos no início do ano vem sendo revisto, mas o nível de confiança ainda é positivo. As perspectivas são de um maior crescimento econômico no segundo semestre.

PIB

O PIB acumulou alta de 2% no primeiro trimestre quando comparado com igual período do ano anterior e queda de 0,1% na comparação com o trimestre anterior. Pelo lado da *oferta*, o avanço do primeiro trimestre foi concentrado nos setores *tradeables*, enquanto os serviços mostraram um fraco desempenho. A agropecuária, uma das principais responsáveis pelo boom exportador, cresceu 8,6%. O câmbio certamente teve um papel decisivo, mas não se pode esquecer a forte elevação da produtividade das lavouras nos anos recentes. Segundo o IBGE, a produção de grãos deste ano deverá ser 19,7% superior à de 2002. A CNA estima a expansão na renda agrícola de 3,9% e uma retração na derivada da produção animal de 1,2%, afetada pela alta de insumos e pela queda de preços recebidos da indústria. O incremento da renda agropecuária em 2003 é estimado em 1,7%.

TABELA 1.1

Produto Interno Bruto

[taxa acumulada ao longo do ano (em %)]

	Observado					Previsto		
	Mar./02	Jun./02	Set./02	Dez./02	Mar./03	Jun./03	Set./03	Dez./03
Taxa Acumulada ao Longo do Ano (%)								
PIB pm	-0,8	0,1	0,9	1,5	2,0	1,3	1,2	1,6
Impostos s/ Produtos	-6,2	-3,6	-2,0	-1,0	0,9	1,5	1,2	1,4
Agropecuário	5,5	6,1	6,5	5,8	8,6	5,4	3,2	3,7
Indústria	-4,0	-1,9	-0,2	1,5	2,9	1,8	1,7	1,8
Serviços	1,4	1,2	1,4	1,5	0,8	0,4	0,7	1,3
Trimestre/mesmo Trimestre do Ano Anterior (%)								
PIB pm	-0,8	1,0	2,5	3,4	2,0	0,7	1,0	2,7
Impostos s/ Produtos	-6,2	-1,0	0,9	2,3	0,9	2,3	0,9	2,0
Agropecuário	5,5	6,6	7,2	3,4	8,6	2,8	-1,3	5,3
Indústria	-4,0	0,2	3,0	6,9	2,9	0,8	1,4	2,1
Serviços	1,4	1,0	1,9	1,7	0,8	0,1	1,3	3,1

Fonte: IBGE. Previsão: IPEA/DIMAC.

As exportações de produtos agrícolas estão sendo beneficiadas pelo aumento no *quantum* vendido e pela sua cotação no mercado internacional. Nesse contexto, destacam-se o café, o açúcar e a soja. No caso do abate de animais, o aumento das quantidades exportadas (45,4%) mais do que compensou a queda do preço (-5,7%).

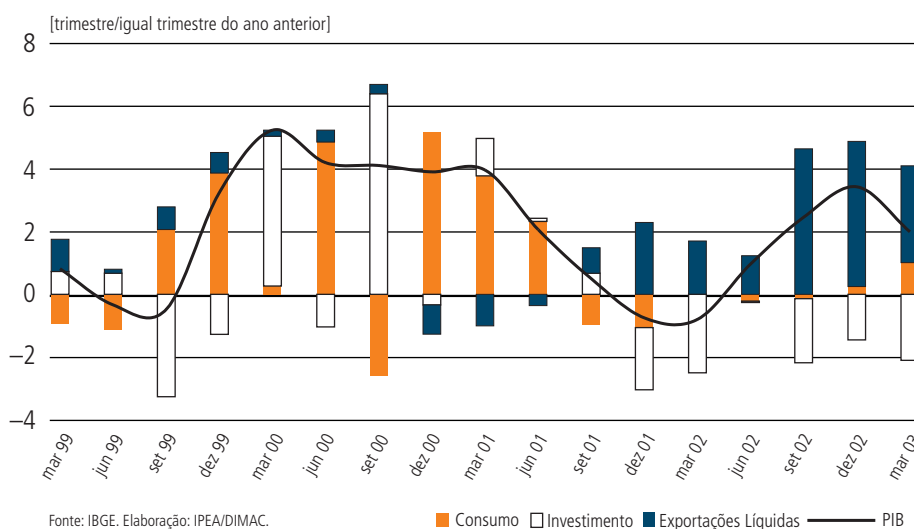
O crescimento da *indústria* (2,9%) é explicado pela baixa base de comparação. A extrativa mineral vem crescendo a um ritmo menor do que no ano passado. O maior dinamismo da transformação (3,7%) está ligado à agroindústria, às exportações e aos derivados do petróleo, repetindo o padrão setorial observado no ano passado. Os setores dependentes do investimento e consumo das famílias mostram retração — ver a subseção indústria. Os Serviços Industriais de Utilidade Pública (Siup) cresceram 5,7%, mas ainda mantêm o nível médio de 2002. Esse crescimento, portanto, ainda resulta da baixa base de comparação. O consumo de energia elétrica residencial continua crescendo lentamente e situa-se próximo aos níveis de 1998 em função do aumento de tarifas e da queda do rendimento médio real.

A combinação de juros elevados e queda dos rendimentos reais do trabalho contribuiu negativamente para o desempenho da construção civil nos últimos trimestres e resultou em uma queda mais acentuada entre janeiro e março deste ano. Entretanto, apesar de a produção desse setor continuar caindo, o ritmo da queda vem desacelerando. A reativação da produção de insumos da construção iniciada em setembro do ano passado, manteve-se até março, quando houve uma queda de 9%. No trimestre, a construção civil recuou 1,7%.

O setor de *serviços* teve um fraco desempenho (0,8%), em razão da piora no comportamento de praticamente todos os setores. A trajetória de recuperação do comércio foi interrompida e a queda nos transportes aprofundou-se, com a variação negativa de 5,1% superando a do trimestre anterior. Comunicações, que vinha tendo um desempenho excelente até o trimestre anterior, cresceu apenas 0,1%. Até mesmo Instituições Financeiras teve crescimento bem inferior ao dos trimestres anteriores. Chama a atenção o resultado da Administração Pública, uma vez que a maior parte de seu desempenho se dá pelo crescimento populacional. De acordo com informações do SUS, a queda no tempo médio de internação resultou em crescimento negativo do item saúde pública. A estagnação do comércio verifica-se mais no

GRÁFICO 1.1

Fontes de Crescimento do PIB



varejo — ver subseção comércio —, pois o atacado vem apresentando um melhor desempenho. Segundo a CNI, as vendas reais cresceram 4,7% no primeiro trimestre.

Pela ótica da demanda, o setor externo continua garantindo a expansão da atividade econômica, ainda que em proporções menores. Segundo nossas estimativas, a contribuição das exportações líquidas passou de 4,6 p.p. no terceiro e quarto trimestres para 3,6 p.p. no primeiro trimestre.

Os principais fatores de contração do PIB foram o consumo das famílias (-2,3%) e a FBCF (-1,5%), que vêm se refletindo na desaceleração das vendas e da demanda de bens de capital.

Para 2003, estimamos que o PIB cresça 1,6%. Em termos dessazonalizados, a estabilidade observada no primeiro trimestre (-0,1%) seria seguida por uma queda (-0,9%) provavelmente causada por ajustes de estoques na economia. Segundo a Sondagem da CNI, os estoques de produtos finais cresceram no primeiro trimestre de 2003, ficando acima dos níveis desejados. Este movimento foi verificado tanto entre as grandes quanto nas pequenas e médias empresas. Este quadro é corroborado pelos dados do IBGE que mostram um aumento da variação de estoque de 82% no primeiro trimestre em relação ao primeiro trimestre de 2002.

Em termos setoriais, espera-se uma expansão de 3,7% da agropecuária, sustentada, basicamente, na obtenção de uma safra recorde de grãos de 116,3 milhões de toneladas.

O crescimento projetado para a indústria (1,8%) foi reduzido em função de um menor crescimento da construção (0,3% ante uma previsão anterior de 1,5%), devido à desaceleração observada no início do ano. A transformação deve crescer 1,5% (segundo a metodologia do PIB¹). A expansão dos serviços (1,2%) estaria sustentada no comércio (1,1%) e nos “demais” em que predomina a influência de administração pública, aluguel e comunicações.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Segundo o IBGE, a produção industrial de março teve um pequeno aumento de 0,7% em comparação a março de 2002. Esse resultado contrariou expectativas de um desempenho negativo diante do menor número de dias úteis em relação a 2002. Assim, também a forte queda da indústria geral na série dessazonalizada (-3,4%) pode ser explicada pelo efeito calendário.

No primeiro trimestre, a indústria geral acumula um crescimento de 2,5%. Em termos setoriais, a expansão continua concentrada nos segmentos ligados à agroindústria, às exportações e ao petróleo, ao passo que os ramos dependentes do mercado interno e investimento continuam deprimidos.

Por categoria de uso, os *bens intermediários* lideram o crescimento (4,3%). Todos os gêneros estão crescendo, exceto alimentos e bebidas para indústria e combustíveis e lubrificantes elaborados. Chama a atenção o crescimento da produção de peças e acessórios para *bens de capital* (36,7%), pois o segmento de bens de capital teve um modesto crescimento (0,5%). Dados da Abimaq revelam que apesar do aumento do faturamento (5,5%) no primeiro trimestre, houve queda no volume de pedidos (-4,6%). No entanto, bens de

1. O desempenho da indústria de transformação dentro do PIB e da PIM-PF pode diferir, pois sua composição dentro das contas nacionais depende do valor adicionado, ao passo que na pesquisa industrial a referência é o valor da produção.

capital dentro de material de transporte e mecânica apresentam um excelente desempenho (10% e 11,7%, respectivamente). A demanda de bens de capital da agropecuária, cujo investimento vem se expandindo, foi prejudicada pelo atraso na liberação de recursos para financiamento.² Segundo a Anfavea, até abril, as vendas de implementos agrícolas caíram 11%.

A produção de *bens de consumo*, tanto duráveis quanto semi e não-duráveis, continua deprimida. A produção de eletrodomésticos permanece em queda (-10,1%) e a de carros, apesar de positiva (1,4%), vem observando um menor ritmo de crescimento. A Eletros registrou queda na venda de eletroeletrônicos (14,3%) no primeiro trimestre.

Dados da CNI mostram um balanço positivo da atividade industrial no primeiro trimestre. As vendas reais aumentaram (4,9%), assim como pessoal ocupado e horas trabalhadas (1,2% e 0,3%, respectivamente).

Segundo o Indicador IPEA, em abril a indústria teve um pequeno crescimento dessazonalizado (0,6%). Esse resultado, contudo, deve ser relativizado diante das distorções no padrão sazonal decorrentes do fato de o carnaval ter ocorrido em março, o que deve ter levado à estimativa de um valor dessazonalizado baixo para a produção industrial daquele mês. Em relação à média de fevereiro e março, a produção industrial estimada de abril apresenta queda dessazonalizada de 1,1%.

Na comparação com abril de 2002, a estimativa aponta para queda de 3,1% da produção industrial — resultado que leva o acumulado no ano de 2,5% em março para 1% em abril.

Os dados setoriais parecem consistentes com o padrão que vem se verificando desde meados do ano passado: setores mais voltados para exportações, como o siderúrgico e os bens intermediários de modo geral, apresentam crescimento na margem, enquanto aqueles

TABELA 1.2

Indicadores de Produção Industrial

[variação percentual]

Período	Indústria Geral		Indústria de Transformação		Vendas Reais (CNI)		
	Base Fixa Original Mês/ Mês Ano Ant.	Base Fixa Dessaz. Mês/ Mês Anterior	Base Fixa Original Mês/ Mês Anterior	Base Fixa Dessaz. Mês/ Mês Anterior	Base Fixa Original Mês/ Mês Anterior	Base Fixa Dessaz. Mês/ Mês Anterior	
2002	Janeiro	-1,18	0,63	-2,27	1,24	1,91	-0,02
	Fevereiro	-1,25	0,31	-2,02	-0,29	0,17	0,99
	Março	-3,63	-0,65	-5,52	-0,49	-5,56	0,64
	Abril	6,16	5,75	5,29	6,15	4,84	0,79
	Maiο	-0,93	-5,31	-3,02	-6,21	-7,31	-3,95
	Junho	0,70	1,14	-0,73	1,24	-3,95	4,39
	Julho	3,21	0,14	2,41	0,43	1,88	1,61
	Agosto	0,84	0,51	-0,64	0,21	2,32	2,12
	Setembro	5,41	1,07	4,75	1,64	7,72	1,43
	Outubro	8,83	1,69	7,44	1,93	11,47	3,71
	Novembro	4,63	0,17	4,69	0,53	3,45	-6,11
	Dezembro	5,53	-2,15	6,59	-1,83	6,95	-1,66
2003	Janeiro	2,79	0,52	2,58	-0,42	2,86	0,15
	Fevereiro	4,14	1,30	3,80	0,74	11,73	8,91
	Março	0,66	-3,36	0,23	-3,19	0,04	-11,82

Fontes: IBGE e CNI. Elaboração: IPEA/DIMAC.

2. Em março o BNDES liberou R\$ 800 milhões para o Moderfrota para o primeiro semestre do ano.

TABELA 1.3

Produção Industrial — 2002 e 2003

[trimestre/igual trimestre do ano anterior (em %)]

Classes e Categorias	Observado			Previsto			
	Dez./02	2002	Mar./03	Jun./03	Set./03	Dez./03	2003
Indústria Geral	6,3	2,4	2,5	1,9	1,4	1,3	1,8
Extrativa Mineral	6,9	10,7	4,8	5,3	5,3	7,8	5,8
Transformação	6,2	1,4	2,1	1,5	0,9	0,5	1,3
Categorias de Uso							
Bens de Capital	2,8	-1,1	0,5	0,4	4,1	2,6	1,9
Bens Intermediários	7,9	3,1	4,3	3,2	2,6	3,4	3,4
Bens de Consumo	2,5	0,7	-2,2	0,8	2,8	2,2	0,9
Duráveis	12,0	2,8	-1,5	0,5	3,9	3,7	1,7
Semiduráveis e Não-Duráveis	0,1	0,2	-2,3	0,9	2,5	1,8	0,7

Fonte: IBGE/PIM-PF. Previsão: IPEA/DIMAC.

mais voltados para o mercado interno — tanto bens de capital quanto bens de consumo — têm registrado baixo crescimento ou queda.

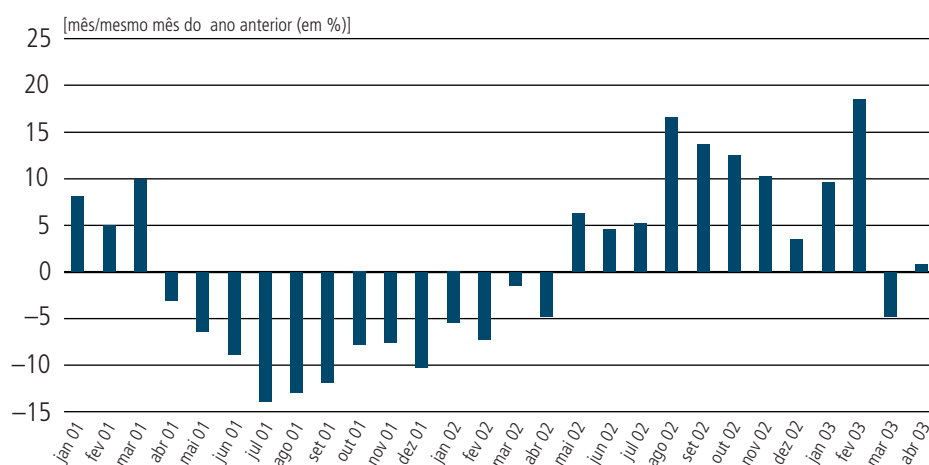
Em função do desempenho no primeiro trimestre aquém do esperado, estimamos que a indústria deva crescer 1,8% em 2003 (nossa estimativa anterior era de 2,6%). Todas as categorias contribuíram para a expansão da transformação (1,3%), principalmente bens intermediários (3,4%) e bens de capital (1,9%). O menor desempenho seria observado na produção de bens não-duráveis e semiduráveis (0,7%), devido à manutenção dos níveis de consumo das famílias (0,2%).

COMÉRCIO

A queda do poder aquisitivo dos consumidores vem afetando o consumo das famílias, repercutindo negativamente no comércio. No entanto, um menor nível de comprometimento da renda, em função da redução da inadimplência, mostra um potencial de consumo para o segundo semestre, uma vez que aconteça a esperada queda dos juros.

Segundo a pesquisa do IBGE do comércio varejista, o volume de vendas acumula uma queda de 6% até março. Todas as categorias tiveram um desempenho negativo. Os itens de

GRÁFICO 1.2

Comércio Varejista em São Paulo

Fonte: Fecomércio - SP. Elaboração: IPEA/DIMAC.

móveis e eletrodomésticos (-10,1%) e hipermercados e supermercados (-7,8%) tiveram os piores resultados. Dados da Fecomércio-SP mostram um quadro aparentemente mais favorável na RMSP: até março, o faturamento cresceu 7,2% sustentado nas vendas de bens não-duráveis (22,6%) e materiais de construção (9,9%). A diferença em relação ao resultado da PMC, no entanto, deve-se ao deflator utilizado: no caso da pesquisa do IBGE são utilizados deflatores específicos para cada conjunto de produtos, enquanto na pesquisa da Fecomercio-SP o deflator é o IPCA.

Os dados da ACSP também refletem a desaceleração no varejo, em grande parte produto do menor número de operações a prazo. Até maio, o número de consultas ao SPC (uso do crediário) caiu 3,7%, enquanto o Usecheque caiu 0,9%. Neste último caso, a alta base de comparação influenciou o resultado negativo.

Também é confirmada a conduta mais conservadora dos consumidores, diminuindo assim a probabilidade do aumento da inadimplência. Vale lembrar que a melhora da inadimplência em 2002 (6,4% contra 7,5% em 2001) refletiu uma cautela maior dos consumidores, que, diante das elevadas taxas de juros, têm evitado usar o crediário, e uma disposição maior dos devedores de quitar suas dívidas, conduta facilitada, provavelmente, pela liberação do FGTS.

Até abril houve uma suave melhora da inadimplência (-0,5 p.p. em relação ao mesmo período do ano passado). O cancelamento de registros continua crescendo a um ritmo maior que a entrada de novos devedores (19,7% e 9,9%, respectivamente, nos últimos 12 meses). A Serasa reportou um número recorde de pessoas que pagaram suas contas atrasadas para limpar o nome na praça.

INVESTIMENTO

A FBCF decresceu 1,5% no primeiro trimestre de 2003, segundo o IBGE. A reversão do quadro positivo do final do ano passado — quando cresceu 4,2% em relação ao mesmo período de 2001 — resultou em uma taxa de investimento de 18%, 1,1 p.p. abaixo do nível médio de investimento nos anos 1994-2002.

Em diferentes magnitudes, tanto os setores de construção civil quanto de máquinas seguiram o mesmo movimento de retração nos investimentos após a recuperação no último

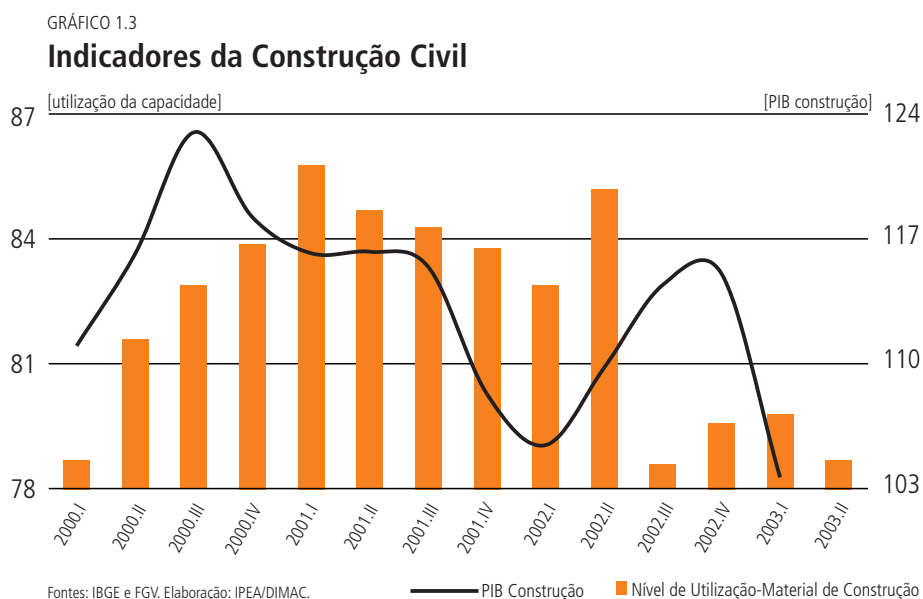


TABELA 1.4

Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e Componentes^a

[trimestre/igual trimestre do ano anterior (em %)]

	FBCF	Construção	Máquinas e Equipamentos			
			Exportações	Importações	Produção	Consumo Aparente
Jun./98	1,7	4,6	26,7	-8,7	6,4	-1,9
Set./98	-1,3	0,4	-6,9	-10,1	-3,3	-5,7
Dez./98	-4,3	-2,8	-6,1	-9,5	-14,0	-13,2
Mar./99	-6,9	-4,9	-6,8	-18,4	-11,8	-15,0
Jun./99	-8,5	-5,4	2,1	-4,8	-15,5	-14,3
Set./99	-9,6	-4,2	14,0	-28,1	-12,6	-22,4
Dez./99	-3,7	-1,2	14,0	-28,2	6,3	-11,8
Mar./00	-0,1	2,1	55,6	-10,6	6,4	-8,2
Jun./00	3,5	1,5	34,0	-9,6	10,4	-2,8
Set./00	6,1	2,1	42,4	18,8	20,3	14,7
Dez./00	8,3	2,1	21,1	14,8	14,7	13,6
Mar./01	10,3	3,8	-3,8	43,6	21,6	35,6
Jun./01	2,2	0,3	-12,0	26,1	18,2	28,1
Set./01	1,0	-5,4	-18,9	3,1	13,1	16,0
Dez./01	-8,2	-8,4	-18,7	0,2	2,5	4,6
Mar./02	-9,7	-8,4	-7,7	-19,1	-1,7	-7,9
Jun./02	-6,8	-5,6	-22,9	-18,9	-0,2	-3,4
Set./02	-3,5	-1,3	-10,1	1,4	-4,6	-1,5
Dez./02	4,2	5,8	19,4	-34,9	2,8	-15,9
Mar./03	1,5	-2,0	-15,4	-28,4	0,5	-8,4

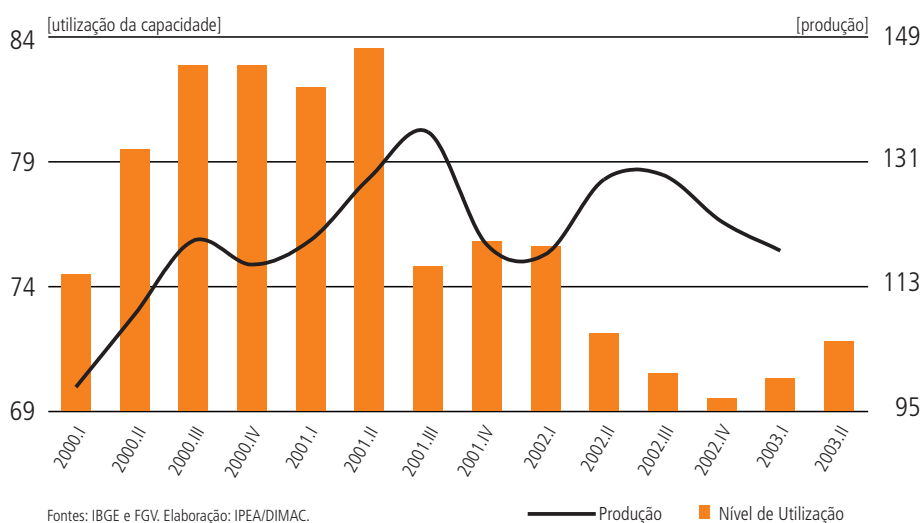
Fontes: IBGE e Funcex. Elaboração: IPEA.

^a Decomposição da FBCF do IPEA.

trimestre de 2002. A sondagem industrial da FGV observou, em abril, a intenção de investir somente em 30% das empresas, ratificando a menor disposição da indústria para aumentar sua capacidade de produção.

De fato, o impulso observado na produção de insumos da construção desde setembro de 2002 foi interrompido com a queda de 9% em março (provocando um resultado negativo no primeiro trimestre (-1,7%)). Esta tendência foi reforçada pelo aumento da ociosidade na indústria de materiais de construção em abril, segundo o levantamento da FGV, retomando o nível de ocupação de setembro de 2002.

GRÁFICO 1.4

Bens de Capital

Fontes: IBGE e FGV. Elaboração: IPEA/DIMAC.

A retração no consumo aparente de máquinas atingiu a produção interna (com desaceleração da produção de bens de capital, segundo o IBGE, até o terceiro trimestre de 2002 e uma lenta recuperação no início do ano) e as importações (com queda de 28,4% no trimestre). O nível de utilização da capacidade instalada vem aumentando desde o quarto trimestre, mas ainda se situa em 71%, 9 p.p. abaixo dos valores médios de 2001. As perspectivas, no entanto, são positivas e a Abimaq espera um aumento de 8% na produção de máquinas.

Os setores agropecuário e petrolífero, caracterizados pela sua natureza *tradable*, são identificados como os principais demandantes por bens de capital. Em 2002, as vendas de implementos agrícolas aumentaram 19,8% e, apesar da retração observada até abril, tenderiam a retomar a trajetória de crescimento em função dos novos financiamentos do BNDES e estimativas de uma safra de grãos recorde (ver subseção de indústria). Por sua vez, a Petrobras anunciou investimentos de US\$ 7 bilhões para os próximos cinco anos, inclusive 2003. Além disso, os gêneros de metalurgia, de borracha e de celulose, papel e papelão trabalham próximos ao limite de sua capacidade instalada e seriam potenciais geradores de investimento na economia.

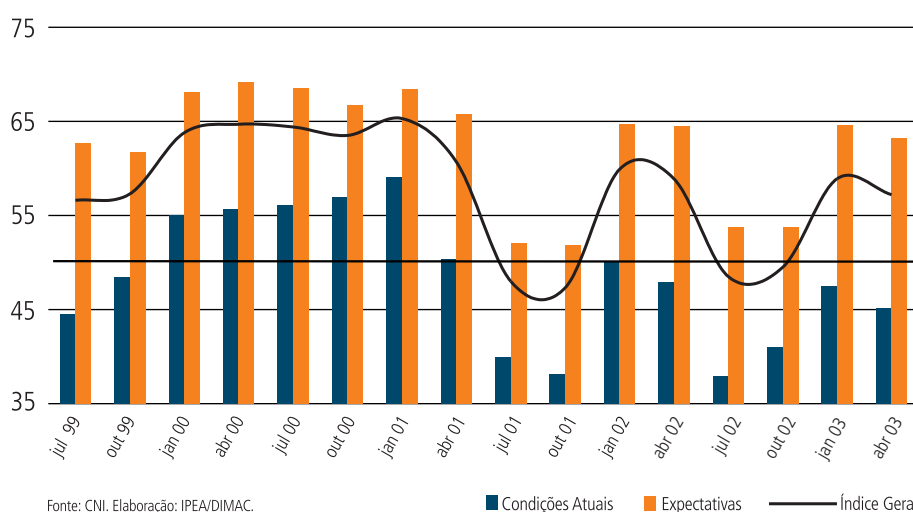
EXPECTATIVAS

No meio empresarial, a avaliação sobre as perspectivas da economia no próximo semestre vem sendo mais otimista do que a percepção da situação no curto prazo.

Segundo a Sondagem da CNI de abril, houve uma melhora do indicador de condições atuais tanto entre grandes quanto em pequenas e médias empresas. No entanto, este indicador ainda situa-se abaixo dos 50 pontos, sinalizando menos otimismo entre os empresários. As expectativas para os próximos seis meses continuam otimistas, ainda que em menor proporção do que as observadas no início do ano. Em grande parte, a queda do otimismo deve-se à frustração perante um desempenho da atividade industrial aquém do esperado, aumento indesejável de estoque e redução do lucro das empresas.

GRÁFICO 1.5

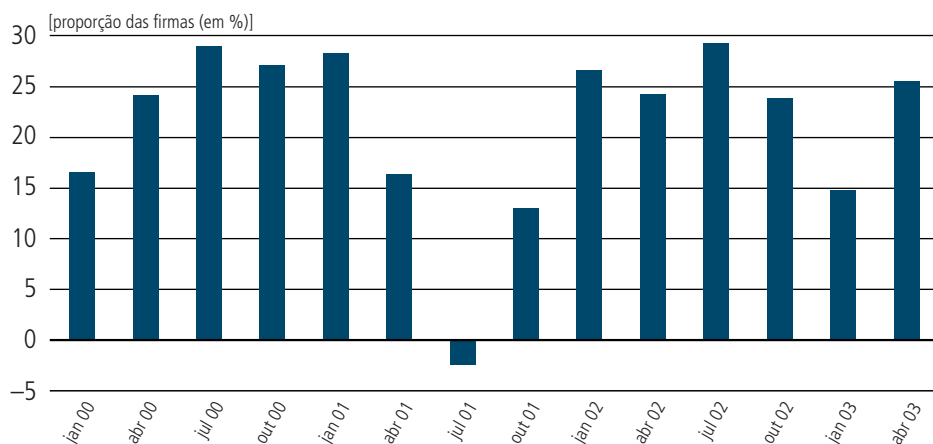
Índice de Confiança do Empresário Industrial



A sondagem da FGV constatou uma situação similar à da CNI. A avaliação sobre a situação atual dos negócios está menos favorável do que no início do ano. Mas isso não implicou o aumento da ociosidade da indústria. Pelo contrário, em abril o nível esperado de utilização da capacidade nos três meses seguintes na indústria de transformação foi de 81%, 2 p.p. acima dos valores de janeiro de 2003 e abril de 2002. A melhora dos níveis de produção aparece nos segmentos de bens de consumo e intermediários. O setor de materiais de construção é o que mostra o quadro mais adverso, o que vem se refletindo nos níveis de investimento da economia.

GRÁFICO 1.6

Proporção Líquida das Firms que Esperam Aumento na Produção*

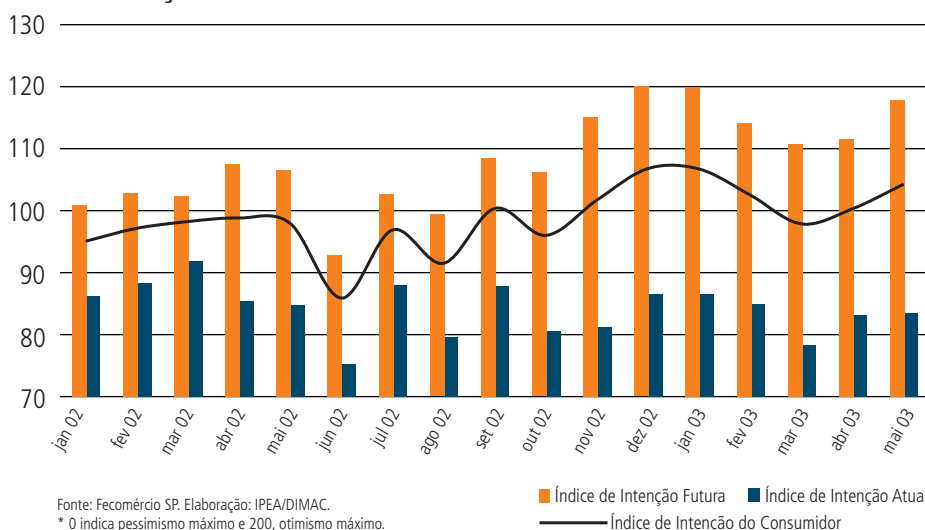


Fonte: FGV. Elaboração: IPEA/DIMAC.
* Dessazonalizado.

Entre os consumidores houve um aumento do nível de confiança. O Índice de Intenções de Consumo (IIC), da Fecomercio-SP, de maio, foi 6,3 p.p. maior que o observado em maio de 2002. Uma melhor percepção sobre o futuro (+10,8 p.p.) continua sustentando o otimismo, já que o índice das condições atuais (-1,2 p.p.) permanece abaixo da situação verificada em maio de 2002.

GRÁFICO 1.7

Confiança do Consumidor*



Fonte: Fecomercio SP. Elaboração: IPEA/DIMAC.
* 0 indica pessimismo máximo e 200, otimismo máximo.